

Tristão e Isolda: mito e magia**Clara Santana Rita****Universidade Autónoma de Lisboa (UAL)**

Resumo: Este artigo pretende explorar os elementos mágicos como desencadeadores e agregadores do mito de amor essenciais ao romance **Tristão e Isolda**. Pretende igualmente demonstrar que na fatalidade da paixão está a originalidade da obra e que as causas misteriosas dessa paixão estão simbolizadas pela ação do filtro mágico, admitindo dois grandes momentos míticos do romance: os amantes sob o efeito do filtro e os amantes na separação e na morte, que sugerem o impasse e as incertezas do amor humano.

Palavras-chave: magia, mito, Tristão e Isolda

Tristan and Isolde: myth and magic

Abstract: This paper elaborates on the magic components at play in the novel **Tristan and Isolde** and how they do unchain the myth of love. It is shown that the inevitable ill-fated lovers' passion, constituting the core of the novel, is linked up with the symbolic and mysterious action of a magic filter. Two crucial mythical moments, suggesting the impasse and uncertainty of human love, are analyzed: Tristan and Isolde under the influence of the magic filter, and their separation and death.

Keywords: magic, myth, Tristan and Isolde.

1. Em torno das versões de Béroul e de Thomas

Tristão e Isolda formam um par que constituiu o mais célebre tema da literatura cavaleiresca. Na sua linha geral, a história é simples. Tristão sente por Isolda uma paixão avassaladora, sendo correspondido por ela com a mesma intensidade. Esta paixão é tão enérgica e profunda que resiste a todas as dificuldades, vence todas as

oposições e encadeia fatal e irresistivelmente as vontades dos dois amantes. Morto Tristão, e não podendo viver sem ele, Isolda morre também.

O romance **Tristão e Isolda** é um mistério em relação aos seus autores. No entanto, podemos falar desta obra, tendo em atenção dois autores: Bérout e Thomas.

O romance de Bérout começa com as proezas de Tristão contra Morholt que, tal como o Minotauro de Creta, reclama ao rei Marco um tributo pago em jovens. Depois de Tristão vencer Morholt, vence também um dragão a quem tira a língua e, por fim, chega o momento de ir buscar Isolda para esposa do rei Marco.

Destinado a ser feliz, o casal deveria ingerir “le philtre”, uma poção mágica preparada pela mãe de Isolda. O responsável pelo transporte do elixir era Brangien que, devido à tempestade que ocorre durante a viagem, dá a beber, por engano, a Tristão e a Isolda esse preparado. Assim, eles ficam unidos de corpo e alma para além da morte.

Este autor escreve que quando o rei Marco descobre o adultério condena Isolda à fogueira, mas nesse momento passa um bando de leprosos, dizendo-lhe que mais humilhante do que a fogueira era Isolda ser violada por um leproso. Isolda é entregue aos leprosos e, no momento em que é levada para um campo, Tristão assalta o bando de leprosos, salva a sua amada, passando ambos a viver na floresta a partir desse momento.

Mais tarde, os amantes são descobertos pelo rei Marco, que os encontra a dormir na floresta. Ao vê-los separados pela espada de Tristão, acredita que eles seguem a castidade, e é assim que o rei Marco substitui a espada de Tristão pela espada real, bem como o anel de Isolda pelo seu. Quando os amantes acordam, compreendem o sucedido e por isso o arrependimento atormenta-os, decidindo terminar a ligação. Envia uma carta ao rei Marco, na qual prometem servi-lo. É assim que Isolda consegue voltar para o palácio, mas os barões continuam a desconfiar da rainha. Desta forma, é exigido a Isolda um juramento, no qual ela mostra toda a sua malícia. Nele, Isolda jura por Deus e pelos santos que esteve apenas nos braços do seu marido e do mendigo que a transportou de uma margem para a outra do ribeiro. Esse mendigo não é mais do que Tristão disfarçado. Os barões destronados são condenados à morte e aqui termina o Tristão de Bérout.

No texto de Thomas, Tristão casa-se com Isolda “aux blanches mains”. Depois, sucedem várias proezas de Tristão que, disfarçado de mendigo ou de leproso, se aproxima do castelo do rei Marco apenas para ver Isolda “la Blonde”. Ferido em

combate, Tristão inicia o seu sofrimento e sente que apenas Isolda o pode salvar. Assim, pede a um amigo que a vá buscar e, se ela vier ao seu encontro, hasteiam uma bandeira branca no barco. No caso de ela não vir ao seu encontro, então hasteiam uma bandeira preta. Mas esta conversa é escutada pela mulher de Tristão (Isolda “aux blanches mains”) que, frustrada e com ciúmes, lhe mente em relação à cor da bandeira, fazendo com que Tristão morra.

Além das versões de Béroul e de Thomas, foram encontrados textos perdidos de autores quase desconhecidos como La Kievres, assim como os do ilustre Chrétien de Troyes. A ausência de uma inequívoca identificação da autoria do romance contribuiu sobremaneira para a sua transformação em mito – mito esse que está na base do imaginário ocidental, onde o amor excessivo e o desenlace fatídico da paixão constituem fatores absolutamente determinantes.

Tristão não ama Isolda, mas sim o próprio amor. Esta consideração só é possível se entendermos que ambos se apaixonam, unicamente, por ingestão da bebida mágica, “le philtre” – elemento externo desencadeador da paixão, do erro e da traição. Desta forma, os amantes não se podem arrepender, já que não são responsáveis pelos seus atos.

Todo o drama é encarado como uma fatalidade que suprime a oposição do bem e do mal e conduz os amantes para além de todos os valores morais e, inevitavelmente, para além do prazer e do sofrimento. O herói ama o amor, mas também a morte que é a única forma de libertação. O mito apodera-se do instinto da morte, transfigurando-o e dando-lhe um fim espiritual: “E agem como se tivessem compreendido que tudo o que se opõe ao amor o garante e o consagra em seus corações, para o exaltar até ao infinito no instante do obstáculo absoluto que é a morte” (ROUGEMONT, s/d, p.36). Assim, destruir e colocar de parte a felicidade é a forma de passar a uma vida superior.

2. As origens da lenda de **Tristão e Isolda**

Há razões para crermos que a origem desta lenda remonta às origens celtas.

Os Celtas são constituídos pelo conjunto de povos de língua indoeuropeia que no final da Idade do Bronze (segundo milénio a.C.) ocupavam o centro da Europa. Praticavam a agricultura e criavam cavalos e eram hábeis em manejar os metais. Entre

os anos 900 e 800 a.C. estenderam-se até às ilhas Britânicas, às Gálias, à Península Ibérica e à Ásia Menor. Desunidos, foram subjugados pelos Bárbaros. Foi na Bretanha, no País de Gales e na Irlanda, onde melhor se conservou a sua cultura.

Note-se que o discurso do romance segue a estrutura de origem celta, que se constitui na memória de toda uma civilização. Gertrud Loomis defende a tese de que a lenda de Tristão e Isolda tem certas semelhanças com a literatura épica irlandesa. Nos contos que esta autora analisou, observa-se a mesma estrutura narrativa e a mesma intervenção de elementos mágicos. M. Jean Marx afirma o seguinte: “É constante na família real celta, a mulher trair o esposo com um dos seus vassallos” (MARX, *apud* LOUIS, 1972, p.271). Joseph Bédier – estudioso que reconstituiu no início do século XX o romance **Tristão e Isolda** – supõe que existiu na segunda metade do século XII uma origem de todas as versões conhecidas de Tristão e Isolda. Gaston Paris delimita as origens celtas em relação à lenda de Tristão e Isolda.

O local da ação, o local dos poderes mágicos, o modo de vida no castelo de Tintagel, as orelhas de cavalo do rei Marco, a presença de seres sobrenaturais constituem no século XII lembranças da época celta. Realça-se a particularidade do próprio nome do rei, Marc, que na língua celta significa “cavalo”.

Com a romanização e com o Cristianismo, a religião celta desaparecerá, assim como toda a transmissão oral feita pelos celtas. Restaram os testamentos e, mesmo contra a vontade do Cristianismo, a literatura medieval irlandesa mostra aos especialistas os documentos sobre a mitologia celta.

Durante os séculos XII e XIII, as edições francesas e estrangeiras do romance **Tristão e Isolda** mostram um estado social anterior à época medieval, vestígios que os críticos reconhecem.

3. O mito de **Tristão e Isolda**

O mito é a narração de uma história, sancionada pela tradição, em que se condensa a ação primordial de deuses. Serve, por isso, de fundamento à totalidade da exigência do mundo e das coisas. Não se reduz, pois, ao relato da origem, mas é, simultaneamente, a norma do acontecer cósmico e a história do agir humano.

No âmbito mais restrito, os mitos traduzem regras de conduta, quer de um grupo social, quer de um grupo religioso e têm a sua origem no elemento sagrado. É próprio do mito não ter autor, para que essa origem seja misteriosa.

O fator mais profundo do mito é o poder que exerce sobre o ser humano, de forma involuntária. É essa forma involuntária que faz com que uma história, um acontecimento, ou uma personagem se tornem mitos.

A história de **Tristão e Isolda** revela-nos um mito nos seguintes aspectos: em primeiro lugar, não tem um autor conhecido; em segundo lugar, emprega o elemento sagrado; em terceiro lugar, comporta a própria natureza da obscuridade que a lenda possui: “A obscuridade do mito coloca-nos, portanto, em estado de acolher o seu conteúdo disfarçado e de gozar dele pela imaginação sem, todavia, tomarmos dele uma consciência bastante clara para que a contradição ressalte” (ROUGEMONT, s/d, p.18).

O mito de Tristão constitui-se no século XII quando as elites faziam um esforço no sentido de uma ordenação social e moral: “O êxito do romance de *Tristão* foi, portanto, o de ordenar a paixão num quadro em que pôde exprimir-se em satisfações simbólicas” (ROUGEMONT, s/d, p.19). É neste princípio que se considera que o mito funciona onde a paixão é sonhada, como sendo um ideal que vive da própria vida de todos os que crêem que o amor é um destino que cai sobre o homem, que fica impotente e acaba por ser destronado pelo amor. Assim é marcado Tristão, cujo destino impõe a morte do pai antes de ele nascer e a da mãe após o parto.

Só, envolvido em total anonimato, inicia, sofre e concretiza inúmeras aventuras na esperança desesperada da sobrevivência. E aqui a diegese alcança, quase totalmente, um sentido simbólico: “a ação impede a paixão de ser total, porque a paixão é o que sofremos no limite, a morte” (ROUGEMONT, s/d, p.38). A ação torna-se num novo adiamento da paixão, ou seja, num novo adiamento da morte.

O filtro, “le philtre”, é a razão principal para a construção do mito de **Tristão e Isolda**. Possui uma ação fatal e, como é bebido por engano – segundo uma (ou algumas) versões –, torna-se o álibi da paixão. Tristão e Isolda vivem a sua paixão com uma grande intensidade e nunca se preocupam em ser felizes: “Quanto mais viva for a sua paixão, mais ela os despreza das coisas criadas e mais facilmente eles atingem a morte voluntária” (ROUGEMONT, s/d, p.134).

A aura que envolve Tristão e Isolda nasce da circunstância de o amor entre eles não se desenrolar com felicidade mas, antes, ser marcado pela desgraça. Não esqueçamos que os amantes só se unem pela morte. E é nesta figuração pessimista do amor que se valoriza a história de Tristão e Isolda desde o século XII. O que eleva o romance a mito é a transformação do modelo de referência, ou seja, Tristão e Isolda formam um par de amantes célebres porque simbolizam o amor absoluto que se impõe e permanece apesar de todos os obstáculos.

4. Os elementos mágicos

4.1 A magia

A magia consiste no conhecimento, domínio e emprego das forças da natureza, ignoradas pelo vulgo e somente reveladas àquele que oferece poder suficiente de vontade e poder suficiente para as manobrar. Como base, a magia considera o ser humano como fonte de uma poderosa força denominada “força nêurica”, ou “fluido ódico” que, pelo domínio da vontade do próprio indivíduo, pode ser dirigida e atuar para o bem ou para o mal mediante o auxílio de determinadas fórmulas e objetos. Essa força que é, pela magia, considerada a maior de todas as energias cósmicas, pode ser emitida conscientemente pelo homem, dando vida e movimento a coisas e seres inconscientes. A magia parece caminhar lado a lado com o Cristianismo. É assim que Tristão, ao encontrar-se ferido pela espada venenosa de Morholt, pede a Deus que o conduza num barco, sem vela nem remos, até “uma ilha longuíqua e maravilhosa, onde fadas com as suas poderosas curas mágicas, possam tratar a sua ferida.” (LOUIS, 1972, p.18-22.)

A magia possui algumas armas secretas como os venenos, certos peixes e certas bebidas de ervas. A rainha da Irlanda é uma feiticeira que domina os objetos secretos da magia. A rainha salva Tristão da morte duas vezes. Como já foi mencionado, quando Tristão é ferido pela espada venenosa de Morholt e quando é envenenado pelo dragão, é ela que o trata. Mas a rainha não fica por estes dois atos de magia, pois é ela que faz o filtro mágico destinado a unir a sua filha ao rei Marco.

Isolda, modelada como feiticeira, recorre a palavras, a filtros e a peixes. A atitude de Isolda só é melancólica na corte do rei Marco, porque conta e canta uma história de amor trágico.

É neste cenário que a magia oferece um certo suspense em todo o romance, pois a cada momento pode haver acontecimentos que não têm explicação no mundo real.

4.2. «Le philtre» e os amantes

Como já referido anteriormente, o filtro desempenha um álibi. Os amantes não se sentem responsáveis, uma vez que a sua paixão é inconfessável, quer aos olhos da sociedade – que a reprova como crime –, quer aos próprios olhos dos amantes. É aqui que reside o aspecto psicológico de toda a aventura:

O aspecto religioso, esse acaso imediatamente irrevogável mas que distinguimos depois que tudo parece prepará-lo, é a eleição de uma alma pelo Amor todo-poderoso, a vocação que a surpreende como que contra vontade sua. Uma vida nova começa aqui. (ROUGEMONT, s/d, p.130).

Isolda desposa o rei Marco mas vive em adultério com Tristão, num profundo amor que determina a conduta dos amantes, levando-os ao desprezo dos princípios de honra e de fidelidade que tanto Tristão como Isolda devem ao rei Marco.

O filtro tem um efeito mágico de fatalidade de amor, e serve de justificação para o comportamento dos amantes. Tristão acredita que quando oferecer protecção ao rei Marco, o efeito do filtro chegará ao fim.

Refugiado na floresta devido ao exílio, Tristão fala do filtro para negar toda e qualquer falta, recusando o arrependimento. A clemência manifestada pelo rei Marco, não é suficiente para que os amantes vivam dentro das regras impostas pela sociedade.

No momento em que o efeito do filtro termina, Tristão e Isolda fazem uma avaliação do seu comportamento e da situação em que se encontram. Eles não pensam em renunciar ao seu amor, mas sim renunciar à natureza do seu amor. O filtro mágico, que a rainha da Irlanda deu a Brangien para assegurar um casamento feliz à sua filha, suscita uma paixão fatal, paixão incompatível com o código social

em vigor. “Le vin herbé”, como também é conhecido o filtro, com todas as suas conotações mágicas é, sem dúvida, herdado de formas lendárias antigas, muito próximas de uma estrutura mítica. Algumas formas mágicas que se encontram no romance **Tristão e Isolda** têm a sua origem no mundo celta.

Existem várias versões quanto à duração do efeito do filtro nos dois amantes. Para Thomas, o efeito do filtro é eterno pois une entre si os amantes, mesmo depois da morte. Para este autor, o filtro é um símbolo da paixão de Tristão e Isolda, e é igualmente um elemento instigador à atitude arbitrária e repentina dos amantes que desafia todos os obstáculos.

René Louis, que segue a opinião de Bérroul, defende que o filtro tem uma duração de três anos. Outros críticos, como Eilhart Von Oberg e Gottfried, defendem que o efeito do filtro tem uma duração ilimitada.

4.3. O mar

A ação de **Tristão e Isolda** desenrola-se no mar. Este elemento torna-se num lugar mágico privilegiado, pois é no mar que ambos bebem o filtro que os irá unir. Mais concretamente, o mar encontra-se presente nas principais etapas da vida de Tristão, como se pode observar: quando vai para o reino do rei Marco (Cap. II); quando combate Morholt (Cap. III); quando parte para a Irlanda à procura de cura por causa da espada envenenada (Cap. IV); quando volta de novo à Irlanda para ir buscar Isolda “la Blonde”, para esposa do rei Marco (Cap. IX); quando desposa Isolda “aux blanches mains” (Cap. XXVII-XXVIII); quando faz a construção da Sala de Imagens sobre uma terra rodeada por mar (Cap. XXXIV); quando se encontra ferido pela lança envenenada do anão Bedalis (Cap. XXXVI).

O mar é a barreira que limita o mundo tangível. As várias navegações representam as provas de desafio e de força pelas quais o herói tem que passar. A passagem do mundo quotidiano para o mundo desconhecido, mas encantado do amor, é definida por elementos simbólicos, míticos e mágicos: no final, os corpos dos amantes são depositados no barco como se fossem para uma viagem marítima.

4.4. A música

A integração da música, nesta obra, como elemento mágico, parece fazer todo o sentido. Podem invocar-se vários motivos. Realça-se o facto de Tristão reunir o talento de cantor e de compositor – quando alcança a Irlanda no seu barco sem vela e sem remos, compõe sobre o seu amor com Isolda – ao talento da música como tocador de harpa. Esta característica demonstra as qualidades do herói e é através delas que é reconhecido pelo rei Marco como seu sobrinho.

A originalidade surge do simbolismo da harpa que liga o céu à terra na procura da felicidade e, simultaneamente, em Tristão, que a personifica e que por meio dela se aproxima de Isolda.

4.5. Os gigantes

Os gigantes são figuras que fazem parte da estrutura de uma história mítica. A inclusão dos gigantes serve para fazer a ligação da paixão amorosa neste romance e, igualmente, a harmonia da narração. Estas criaturas estão à margem da humanidade, mas ganham enorme dimensão mítica. Constituem uma ameaça permanente e, como inimigos de Tristão, são constantes oponentes à cura das feridas do herói sempre que este trava inevitáveis lutas, das quais se destacam as que teve com Morholt e com o dragão.

4.6. O anão

O anão Frocin é um adjuvante dos inimigos do herói, porque auxilia os barões a provarem ao rei Marco o adultério de Tristão e de Isolda. Este momento é de fatalidade para os dois amantes. Pela fatalidade da paixão inconsciente perpassa a originalidade da obra. É algo que acontece inesperadamente e as causas são misteriosas, como misteriosa é esta personagem – o anão – cuja estatura é desproporcional ao poder com que desencadeia o trágico.

Cientes que estão de toda a trama do anão Frocin, os amantes nada fazem para não serem descobertos. É esta desmotivação de defesa que reserva o direito de se admitir a paixão como total ausência da razão e da consciência. O casal prefere o abandono, a privação da vontade, à sua separação. “L’amour est insatiable et nulle raison ne le gouverne.” (LOUIS, 1972, p.96).

4.7. A floresta e a vegetação

Segundo a perspectiva psicanalítica, pela sua escuridão e densidade, a floresta simboliza o inconsciente, a privação de toda a evidência e suporte psicológico. Considera-se um elemento adjuvante do amor, porque permite o encontro clandestino dos amantes e é reflexo dos seus estados de espírito, simultaneamente de angústia e serenidade, ou de opressão e evasão.

A vegetação simboliza a união dos amantes no fim da história e expressa a imortalidade da vida eterna “Il fit embaumer leurs corps avec du vin, du piment et des aromates et placer chacun d’eux en une barque faite d’un tronc d’arbre [...]” (LOUIS, 1972, p.248). A barca, feita de um tronco de árvore, está ligada à morte e associa a passagem para o outro mundo como sinónimo de continuidade e eternidade. Repleta de rosas é a sepultura dos amantes.

Outra leitura possível sustenta-se na existência de um tronco de avelaneira, onde se enlaça uma trepadeira, que é o mediador do encontro dos amantes e metáfora concreta do amor que une Tristão e Isolda de corpo e alma “Belle amie, si est de nous: ni vous sans moi, ni moi sans vous.” (LOUIS, 1972, p.86).

5. Conclusão

No século XII, a Europa descobriu o amor profano, ao mesmo tempo que descobriu o amor místico e mítico e, neste contexto, surgiu o problema das ligações amorosas.

Conduziu-se esta leitura sobre o trágico amor de Tristão e Isolda, focada no mito e na magia, à luz dos documentos da época, como por exemplo os romances, apesar da ficção que os enformam. Na essência do romance encontrou-se sempre um lugar para a magia, ou seja: a presença do filtro, as misturas preparadas em segredo, os espaços, as personagens bizarras e horrendas.

Este lendário e mítico romance mantém o seu êxito até à actualidade. “Ainda hoje o romance está longe de ser extinto. Sobre a história de Tristão toda a gente está de acordo, penetra solidamente no próprio coração de uma mitologia especificamente europeia.” (DUBY, s/d, p.105).

Referências bibliográficas:

TRISTAN ET ISEULT, renouvelé en Français moderne d'après les textes des XIIe. et XIIIe. Siècles par René Louis, Paris, Librairie Générale Française, p.304, 1972, ISBN:2-253-00436-7.

DUBY, Georges, **As damas do século XII**, Lisboa, Editorial Teorema, s/d, p.105.

LOUIS, René, Notes et Commentaires. In **Tristan et Iseult**, Paris, Librairie Générale Française, 1972, p.271.

_____, La barque sans voile ni rames. In **Tristan et Iseult**, Paris, Librairie Générale Française, 1972, p.18-22.

_____, La fleur de farine. In **Tristan et Iseult**, Paris, Librairie Générale Française, 1972, p.96.

_____, La mort des amants. In **Tristan et Iseult**, Paris, Librairie Générale Française, 1972, p.248.

_____, Le coudrier et le chèvrefeuille. In **Tristan et Iseult**, Paris, Librairie Générale Française, 1972, p.86.

ROUGEMONT, Denis de, "O Mito de Tristão", in **O Amor e o Ocidente**, Trad. Anna Hatherly, Lisboa, Vega (Outras Obras), s/d, p.18-19-36-38-40.

_____, "Paixão e Mística", in **O Amor e o Ocidente**, Trad. Anna Hatherly, Lisboa, Vega (Outras Obras), s/d, p.134.